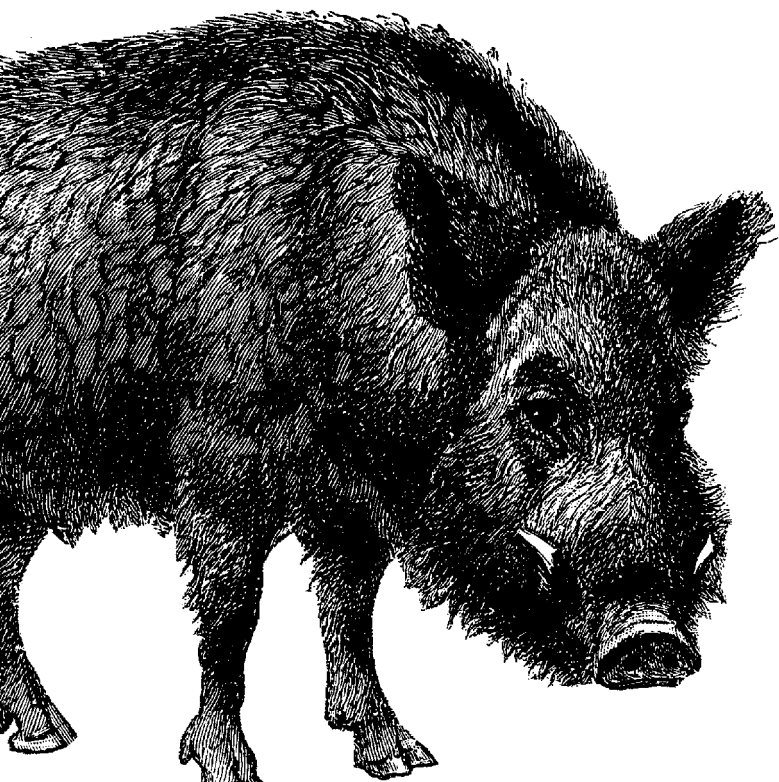


ANIQUILAÇÃO

ANQUI



LAÇÃO

JEFF VANDERMEER

TRADUÇÃO DE BRAULIO TAVARES



Copyright © 2014 by VanderMeer Creative, Inc.
Publicado mediante acordo com Farrar, Straus e Giroux,
LLC, Nova York

TÍTULO ORIGINAL
Annihilation

PREPARAÇÃO
Janaína Senna

REVISÃO
Isis Pinto

DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira e Filigrana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V315a
VanderMeer, Jeff, 1968-
Aniquilação / Jeff VanderMeer ; tradução Bráulio
Tavares. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
200 p. ; 21 cm. (Trilogia Comando Sul ; 1)

Tradução de: Annihilation
ISBN 978-85-8057-563-7

1. Ficção americana. I. Tavares, Bráulio. II. Título.
III. Série.

14-12738

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Ann

01: INICIAÇÃO

A torre, que em princípio não deveria estar ali, crava-se na terra um pouco antes de a floresta negra de pinheiros começar a dar lugar ao lamaçal, e então aos juncos e às árvores retorcidas pelo vento, que se espalham pela extensão de pântanos de água salgada. Depois dos pântanos e dos canais naturais está o oceano, e, descendo um pouco ao longo da costa, um farol abandonado. Toda esta região está isolada há décadas, por motivos que não são fáceis de relatar. Nossa expedição era a primeira a adentrar a Área X em mais de dois anos, e grande parte dos equipamentos deixados pelos nossos predecessores tinha enferrujado; as barracas e cabanas onde se abrigaram não passavam de cascas vazias. Correndo os olhos ao longo daquela paisagem intocada, não acredito que qualquer uma de nós já pudesse perceber a ameaça.

Éramos quatro ao todo: uma bióloga, uma antropóloga, uma topógrafa e uma psicóloga. Eu era a bióloga. Dessa vez a equipe era formada por quatro mulheres, escolhidas em razão do con-

junto complexo de variáveis que regem o envio das expedições. A psicóloga, a mais velha de nós, era a líder. Ela nos hipnotizara antes de cruzarmos a fronteira, para assegurar-se de que manteríamos a calma. Precisamos de quatro dias de uma dura caminhada, depois de cruzar a fronteira, para chegar à costa.

Nossa missão era simples: retomar as investigações do governo sobre os mistérios da Área X, avançando devagar a partir do acampamento principal.

A expedição poderia durar dias, meses ou até mesmo anos, dependendo de diferentes estímulos e condições. Tínhamos trazido suprimentos para seis meses, e no acampamento principal havia em estoque o suficiente para mais dois anos. Asseguraram-nos, também, que poderíamos extrair alimentos da terra, se necessário. Toda a nossa comida era defumada, enlatada ou embalada. Nosso equipamento mais fora do comum consistia em um medidor que cada uma de nós recebera, e que ficava preso ao cinto por uma tira: um pequeno retângulo de metal preto trazendo no centro uma abertura com tampa de vidro. Se essa abertura começasse a emitir um brilho vermelho, tínhamos trinta minutos para nos refugiarmos em “um local seguro”. Não nos disseram o que o aparelho media, nem por que devíamos temer a luz vermelha. Depois das primeiras horas, eu já tinha me acostumado tanto a ele que não lhe dava mais atenção. Também fomos proibidas de levar conosco relógios ou bússolas.

Quando chegamos ao acampamento, nossa primeira tarefa foi substituir os equipamentos obsoletos ou danificados, instalando os que havíamos trazido, e armar nossas próprias barracas. Iríamos reconstruir as cabanas depois, quando nos certificássemos de que a Área X não tinha nos afetado. Os membros da última expedição tinham sumido, um por um. Ao longo do tempo, todos, cedo ou tarde, voltaram para suas famílias, de modo que não haviam propriamente desaparecido. Apenas tinham sumido da Área X e, por meios desconhecidos, reaparecido do outro lado da fronteira.

Nenhum deles foi capaz de explicar como isso aconteceu. A *transferência* se dera ao longo de um período de dezoito meses, e não era algo que tivesse ocorrido com nenhuma das expedições anteriores. Outros fenômenos, contudo, poderiam resultar na “dissolução prematura da expedição”, como nossos superiores descreveram o problema; portanto, era necessário testar nossa resistência ao local.

E precisávamos nos aclimatar ao ambiente. Na floresta próxima ao acampamento, poderíamos encontrar ursos ou coiotes. Uma de nós poderia escutar um grasnido súbito, ver uma garça alcançando voo de um galho e, distraída, pisar em uma serpente venenosa (havia pelo menos seis variedades distintas ali). Os charcos e os arroios escondiam grandes répteis aquáticos, o que nos fazia ter o cuidado de não avançar muito para dentro d’água quando colhíamos amostras. Ainda assim, esses aspectos do ecossistema não nos causavam qualquer preocupação. O que nos deixava inquietas eram outros elementos. Muito tempo atrás, existiram cidades ali, e estávamos sempre nos deparando com misteriosos sinais da presença humana: cabanas apodrecidas com teto oxidado e ferruído; rodas de carroça enferrujadas semienterradas no chão; e os contornos pouco visíveis de currais de gado, que agora eram meros ornamentos para camadas de marga e folhas de pinheiro.

Muito pior, contudo, era um gemido profundo e penoso que surgia ao pôr do sol. A brisa do mar e a estranha imobilidade do ambiente influíam em nossa capacidade de calcular direções, de maneira que o som parecia infiltrado na água negra que encharcava os ciprestes. Aquela água era tão escura que podíamos ver nela os reflexos dos nossos rostos. E nunca se agitava, era lisa como vidro, refletindo os capuchos de musgo cinzento que ocultavam os ciprestes. Se olhássemos essas áreas, voltadas na direção do oceano, tudo o que víamos eram águas negras, as manchas cinzentas dos troncos das árvores e os farrapos pendurados de musgo como uma chuva imóvel. Tudo o que ouvíamos era aquele gemi-

do baixo. O efeito que ele produzia não pode ser entendido por quem não esteve ali. A beleza de tudo também não, e, quando passamos a ver beleza na desolação, algo muda dentro de nós. A desolação tenta nos colonizar.

Como já falei, encontramos a torre em uma faixa de transição onde a floresta é alagada pelas marés e se transforma em pântano salgado. Isso aconteceu no quarto dia da expedição, quando já conseguíamos nos orientar em torno do acampamento. Não esperávamos encontrar nada ali, julgando pelos mapas que trouxemos, e também pelos documentos manchados de água e de terra que nossos predecessores deixaram para trás. Mas ali estava ela, cercada por arbustos e semioculta pelo acúmulo de musgo, do lado esquerdo da trilha: uma construção circular de pedra acinzentada que parecia ser uma mistura de cimento e conchas do mar trituradas. Media cerca de vinte metros de diâmetro e se elevava a uns vinte centímetros do solo. Nada estava gravado ou escrito em sua superfície, nada que desse qualquer ideia de sua função ou da identidade de seus construtores. No lado norte, uma abertura retangular na superfície lisa revelava uma escada que descia em espiral rumo à escuridão das profundezas. A entrada estava encoberta por teias de aranha e por destroços arrasados pelas tempestades, mas uma corrente de ar fresco soprava lá de baixo.

A princípio fui a única a considerá-la uma torre. Não sei por que a palavra *torre* me ocorreu, uma vez que estava enterrada no chão. Seria igualmente possível considerá-la um abrigo subterrâneo ou um edifício soterrado. E, no entanto, assim que vi a escada, lembrei-me do farol que havia na praia, e tive uma súbita visão da última expedição desertando dali aos poucos, um a um, e algum tempo depois o terreno se transformando de maneira uniforme e pré-planejada para deixar o farol erguendo-se onde sempre estivera, mas afastando essa parte inferior dele da costa. Visualizei isso em detalhes vastos e intrincados,

enquanto estávamos ali paradas, e, em retrospecto, considero este o primeiro pensamento irracional que tive depois que chegamos ao nosso destino.

— Isto é impossível — disse a topógrafa, conferindo os mapas.

A sombra densa de final de tarde a envolvia em penumbra e dava às suas palavras uma urgência que não teriam em outras circunstâncias. O sol estava nos dizendo que precisaríamos usar nossas lanternas para investigar aquela impossibilidade, embora eu particularmente não tivesse objeções a fazê-lo no escuro.

— E, no entanto, está aí — disse eu. — A menos que estejamos tendo uma alucinação coletiva.

— O modelo arquitetônico é difícil de identificar — disse a antropóloga. — Os materiais são ambíguos: de origem local, mas não necessariamente construído por nativos. Sem entrar aí não saberemos se é primitivo, ou moderno, ou um meio-termo. Também não sei se eu arriscaria um palpite sobre a idade.

Não tínhamos como informar nossos superiores a respeito dessa descoberta. Uma das regras de uma expedição na Área X era não tentar nenhum contato com o lado de fora, por temor de alguma contaminação irreparável. Também não tínhamos levado conosco muitas coisas compatíveis com o nível tecnológico atual. Não tínhamos celulares ou telefones via satélite, nem computadores, nem câmeras, nem instrumentos complexos de medição, a não ser aquelas estranhas caixas pretas que pendiam dos nossos cintos. Nossas máquinas fotográficas necessitavam de câmaras escuras improvisadas. A ausência de celulares, mais do que tudo, fazia o mundo real parecer muito remoto para todas as minhas companheiras, mas eu sempre preferira viver sem eles. No que diz respeito a armas, tínhamos facas, uma caixa trancada contendo antigas armas de fogo e um rifle, este último uma relutante concessão feita aos atuais critérios de segurança.

Tudo que se esperava de nós era que fizessemos relatos, como este, em uma espécie de diário, como este: leve, mas qua-

se indestrutível, feito com papel impermeável, capa flexível em preto e branco, pautas azuis e uma linha vertical vermelha à esquerda, assinalando a margem. Esses diários deveriam retornar conosco, ou então ser resgatados pela próxima expedição. Recebemos instruções para proporcionar o máximo possível de contexto, de modo que alguém totalmente desinformado sobre a Área X pudesse entender nossos relatórios. Também fomos instruídas a não compartilhar com as demais o que escrevíamos nos diários; o excesso de informação compartilhada poderia distorcer nossas observações, ou pelo menos era o que acreditavam nossos superiores. Mas eu sabia por experiência própria o quanto era vã essa tentativa, esse esforço para eliminar conceitos preconcebidos. Nada que esteja vivo e respire é capaz de objetividade total — nem mesmo no vácuo, nem mesmo se tudo que aquela mente possuir for uma ânsia pela verdade capaz de qualquer sacrifício.

— Estou animada com esta descoberta! — exclamou a psicóloga, antes de termos tempo de discutir mais a respeito da torre.
— Vocês também estão?

Ela não tinha feito essa pergunta até então. Durante o treinamento, costumava perguntar coisas como: “Até que ponto você acha que pode manter a calma em uma emergência?” Naqueles momentos, eu tinha a impressão de que ela era uma péssima atriz interpretando um papel. Agora, isso era ainda mais aparente, como se o fato de ser a nossa líder a deixasse nervosa por algum motivo.

— É algo muito animador... e inesperado — disse eu, tentando parecer não estar debochando, mas falhando um pouco. Estava surpresa por experimentar uma sensação crescente de agitação, principalmente porque na minha imaginação, nos meus sonhos, esta descoberta seria uma das mais banais. Na minha mente, antes de cruzarmos a fronteira, eu tinha visto tantas coisas: vastas cidades, animais exóticos, e, uma vez, durante um pe-

ríodo de doença, um monstro enorme que se erguia das águas para destruir nosso acampamento.

A topógrafa, por sua vez, apenas deu de ombros e não respondeu à pergunta da psicóloga. A antropóloga assentiu, como se concordasse comigo. A entrada da torre se revelava como uma presença, uma superfície em branco que nos permitia escrever muitas coisas sobre ela. Essa presença se manifestava como uma febre moderada, exercendo em todas nós uma espécie de pressão.

Eu lhes diria os nomes das outras três, se isso tivesse alguma importância, mas apenas a topógrafa vai durar mais um ou dois dias. Além disso, nos recomendaram com insistência que não usássemos nossos nomes: ali, deveríamos estar focadas na missão e “tudo que fosse pessoal deveria ser deixado para trás”. Os nomes pertenciam ao lugar de onde viéramos, e não a quem nos tornamos quando transplantadas para a Área X.



Originalmente nosso grupo era formado por cinco pessoas, e incluía uma linguista. Para alcançar a fronteira, cada uma de nós teve que entrar separadamente em um quarto branco, bastante iluminado, com uma porta na extremidade oposta e, em um canto, uma cadeira de metal. A cadeira tinha buracos nas laterais por onde se poderia enfiar correias, e o que isso sugeria me deixou alarmada, mas àquela altura eu estava firme em minha determinação de chegar à Área X. A instalação que abrigava esses aposentos estava sob a administração do Comando Sul, a agência governamental clandestina que lidava com todas as questões pertinentes à Área X.

Ali esperamos, enquanto fomos submetidas a incontáveis exames e a várias rajadas de ar, umas frias, outras quentes, a partir de aberturas no teto. A certa altura, a psicóloga visitou cada

uma de nós, embora eu não me recorde do que foi dito. Por fim, saímos por aquela porta afastada e fomos conduzidas até uma área central com portas duplas no fim de um longo corredor. A psicóloga nos recebeu nesse local, mas a linguista nunca mais foi vista.

— Ela mudou de ideia — disse a psicóloga, encarando com firmeza nossos olhares interrogativos. — Decidiu ficar para trás.

Isso nos deixou um pouco chocadas, mas houve também um certo alívio por não ter sido nenhuma das outras. De todas as especialidades que compunham nosso grupo, a de linguista parecia ser a mais descartável.

Depois de um instante, a psicóloga falou:

— Agora, esvaziem a mente.

Isto significava que ela nos hipnotizaria para cruzarmos a fronteira e depois se submeteria a uma espécie de auto-hipnose. Tinham nos explicado que teríamos que tomar precauções antes de cruzar a fronteira, para que nossa mente não nos pregasse nenhuma peça. Ao que parece, alucinações eram comuns. Pelo menos, foi o que nos disseram. Não estou mais certa de que isso fosse verdade. A verdadeira natureza da fronteira tinha sido ocultada de nós, por razões de segurança; sabíamos apenas que era invisível a olho nu.

Assim, quando “despertei” junto das outras, já estava usando o equipamento completo, inclusive botas de caminhada, tendo às costas uma mochila pesando cerca de vinte quilos e uma porção de outros equipamentos presos ao cinto. Nós três cambaleamos, e a antropóloga caiu de joelhos, mas a psicóloga esperou pacientemente que nos recuperássemos.

— Lamento — disse ela —, esta foi a reentrada mais suave que pude produzir.

A topógrafa soltou um xingamento, e eu olhei para ela. Tinha temperamento forte, o que deve ter contado como qualidade positiva. A antropóloga, como era de seu feitio, ficou no-

vamente de pé, sem reclamar. E eu, como era do meu feitio, estava ocupada demais observando tudo para encarar aquele despertar brusco como uma ofensa pessoal. Notei, por exemplo, a crueldade no sorriso quase imperceptível da psicóloga enquanto ela observava nosso esforço para recuperar o equilíbrio, a antropóloga ainda cambaleando e se desculpando por isso. Depois, me dei conta de que eu podia ter interpretado mal sua expressão; talvez tivesse sido de desgosto ou autocomiseração.

Estávamos em uma trilha acidentada, coberta de seixos, folhas secas e agulhas de pinheiro úmidas. Formigas-feiticeiras e pequenos besouros-verdes se arrastavam pelo chão. Os altos pinheiros, com suas cascas escamosas, ladeavam o caminho, e as sombras de pássaros em voo traçavam linhas por entre eles. O ar era tão fresco que fustigava os pulmões, e tivemos dificuldade em respirar nos primeiros instantes, mais por uma questão de surpresa.

Então, depois de assinalar o local com um pedaço de pano vermelho amarrado a uma árvore, seguimos em frente, rumo ao desconhecido. Caso a psicóloga por algum motivo ficasse incapacitada e nós não pudéssemos mais prosseguir com a missão, nossas instruções eram para retornar àquele ponto e aguardar a “extração”. Ninguém jamais nos explicou em que consistiria a “extração”, mas estava implícito que nossos superiores podiam observar o ponto de extração, mesmo a distância, mesmo estando deste lado da fronteira.

Tínhamos sido instruídas a não olhar para trás após a chegada, mas mesmo assim dei uma espiada rápida, em um momento em que a psicóloga estava com a atenção voltada para outra coisa. Não sei bem o que foi que vi. Era algo brumoso, indistinto, que já tinha ficado bem lá para trás — talvez um portal, talvez uma ilusão de ótica. Apenas a impressão momentânea de um feixe efervescente de luz, sumindo depressa.



Os motivos que me levaram a ser voluntária nada tinham a ver com as minhas qualificações para a expedição. Acho que fui aceita devido à especialização em ambientes transicionais, e aquela área em particular envolvia diversas transições, ou seja, abrigava uma complexa rede de ecossistemas. Em muito poucos lugares era possível encontrar um hábitat onde, caminhando apenas uns dez quilômetros, o terreno passava de floresta para lamaçal e daí para pântano salgado e então para praia. Na Área X, disseram-me, eu iria encontrar criaturas marinhas adaptadas à mistura de água doce e salobra, e que na maré baixa nadavam ao longo dos canais formados pelos juncos, coabitando com as lontras e os cervos. Se caminhássemos pela praia, toda esburacada pelos caranguejos-uçás, de vez em quando seria possível avistar algum réptil gigante, que também tinha se adaptado àquele lugar.

Foi então que entendi por que ninguém morava na Área X, e o motivo de ela permanecer intocada, mas me esforcei para não pensar nisso. Decidi fingir para mim mesma que o lugar não passava de uma área ambiental protegida, que éramos excursionistas e por acaso também cientistas. Isto fazia sentido em outro aspecto. Não sabíamos o que tinha acontecido ali, o que ainda estava acontecendo, e qualquer teoria preconcebida poderia afetar minha análise dos indícios à medida que eles fossem sendo encontrados. Além disso, pouco me importavam as mentiras que eu dissesse a mim mesma, porque minha existência no mundo lá fora tinha se tornado tão vazia quanto a Área X. Sem nada que me prendesse a outro lugar, eu *precisava* estar ali. Quanto às outras, não sei o que diziam a si mesmas, e não queria saber, mas acredito que todas elas pelo menos fingiam um certo nível de curiosidade. A curiosidade podia ser uma poderosa fonte de distração.

Naquela noite conversamos sobre a torre, embora as outras três insistissem em considerá-la um túnel. A responsabilidade pelo direcionamento da nossa investigação residia em cada uma de nós, com a autoridade da psicóloga traçando um círculo mais amplo em torno dessas decisões individuais. Parte do embasamento teórico por trás do envio da expedição consistia em dar a cada membro alguma autonomia, o que ajudava a aumentar “a possibilidade de variações significativas”.

Esse vago protocolo existia devido às habilidades específicas de cada uma. Por exemplo, embora todas nós tivéssemos recebido treinamento básico em armamento e técnicas de sobrevivência, a topógrafa possuía mais experiência na área médica e maior habilidade com armas de fogo. A antropóloga já tinha sido arquiteta; na verdade, anos atrás ela sobrevivera a um incêndio em um edifício projetado por ela mesma. Esse era o único fato pessoal que eu havia descoberto ao seu respeito. Quanto à psicóloga, sabíamos sobre ela menos do que sobre qualquer outra de nós, mas acho que todas acreditávamos que ela tivesse formação na área de gerenciamento.

A discussão sobre a torre era, de certo modo, nossa primeira oportunidade para testar os nossos limites quanto a discordâncias e conciliações.

— Não acho que devamos nos focar no túnel — disse a antropóloga. — Primeiro devemos explorar mais adiante, e depois retornar com os dados colhidos nessas investigações, inclusive no farol.

Era previsível, e até talvez providente, que a antropóloga tentasse propor uma opção mais segura, mais confortável. Embora a ideia de mapear o terreno me parecesse superficial ou repetitiva, eu não podia negar a existência da torre, à qual não havia menção em nenhum mapa.

Então a topógrafa falou:

— No presente caso, acho que devemos verificar o túnel e descartar a possibilidade de que seja algo invasivo ou ameaçador.

Antes de explorarmos mais longe. Senão, seria como deixarmos um inimigo às nossas costas enquanto avançamos.

Ela era de origem militar, e pude perceber o valor dessa experiência prévia. Eu imaginava que uma topógrafa estaria sempre a favor da ideia de explorações mais amplas, portanto sua opinião tinha peso.

— Estou impaciente para explorar os habitats daqui — disse. — Mas, pensando bem, visto que não aparece em nenhum mapa, o “túnel”... ou torre... me parece importante. Ou se trata de uma exclusão deliberada dos nossos mapas e, portanto, é algo conhecido... e nesse caso seria uma espécie de mensagem... ou é algo novo que não estava aqui quando a última expedição chegou.

A topógrafa me lançou um olhar agradecido, mas minha posição não tinha nada a ver com dar-lhe apoio. Havia algo na ideia de uma torre que descia para dentro da terra que produzia em mim uma sensação mista de vertigem e fascinação pela sua estrutura. Não poderia dizer o que me atraía e o que me amedrontava naquilo, e tinha vislumbres tanto do interior da concha de um molusco e de outros padrões comuns na natureza quanto de um salto brusco de um penhasco para o desconhecido.

A psicóloga assentiu, parecendo avaliar essas opiniões, e indagou:

— Alguém até agora já sentiu, mesmo que levemente, vontade de ir embora daqui?

Era uma pergunta legítima, mas mesmo assim desconfortante.

Nós três balançamos a cabeça em negativa.

— E quanto a você? — rebateu a topógrafa, dirigindo-se à psicóloga. — Qual a sua opinião?

A psicóloga sorriu, o que me pareceu esquisito. Mas ela sabia que qualquer uma de nós podia ter recebido a incumbência de observar como ela própria reagia a estímulos. Talvez a ideia

de que uma topógrafa, uma especialista na superfície das coisas, pudesse ter sido a escolhida, em vez de uma bióloga ou uma antropóloga, a divertisse.

— Devo reconhecer que no momento estou me sentindo muito pouco à vontade. Mas não tenho certeza se isso se deve ao ambiente em geral ou à presença do túnel. Pessoalmente, gostaria de verificar e descartar o túnel.

Torre.

— Três a um, então — disse a antropóloga, visivelmente aliviada de que a decisão tivesse sido tomada em nome dela.

A topógrafa apenas deu de ombros.

Talvez eu estivesse errada sobre a questão da curiosidade. A topógrafa não parecia curiosa a respeito de nada.

— Está entediada? — perguntei.

— Estou ansiosa para prosseguir com isso — respondeu ela, dirigindo-se ao grupo, como se eu tivesse feito a pergunta em nome de todas nós.

Estávamos tendo essa conversa na nossa barraca em comum. Àquela altura já havia escurecido, e logo depois ouvimos o estranho lamento noturno que sabíamos se dever provavelmente a causas naturais, mas que mesmo assim nos provocava alguns calafrios. Como se aquilo fosse um sinal de dispersar, voltamos para nossas barracas individuais, sozinhas com nossos pensamentos. Fiquei deitada por algum tempo tentando encarar a torre como um túnel, ou como um poço, mas sem sucesso. Em vez disso, minha mente voltava o tempo todo a fazer a mesma pergunta: *O que está oculto na base daquilo?*



Durante a caminhada até o acampamento perto da praia, não experimentamos nada de extraordinário. Os pássaros cantavam como deveriam; os cervos fugiam, as caudas brancas erguidas

como pontos de exclamação nos tons verdes e marrons da vegetação; os guaxinins, com aquelas patas abauladas, cuidavam de seus afazeres e nos ignoravam. Acho que todas nos sentíamos quase atordoadas ao caminhar em liberdade depois de tantos meses de treinamento e preparação. Enquanto estávamos naquele corredor, naquele espaço de transição, nada poderia nos tocar. Não éramos nem o que tínhamos sido antes, nem aquilo em que nos tornaríamos ao chegar ao nosso destino.

Na véspera de chegarmos ao acampamento, aquele estado de espírito foi brevemente quebrado pelo aparecimento de um enorme javali, que seguia pela trilha alguma distância a nossa frente. Estava tão longe que mesmo com nossos binóculos tivemos dificuldade em identificá-lo, de início. No entanto, apesar da pouca visão, os porcos selvagens têm um olfato poderosíssimo, e ele disparou em nossa direção quando estávamos a cerca de cem metros. Arremeteu ruidosamente ao longo da trilha, e mesmo assim ainda tivemos tempo para pensar no que faríamos. Sacamos nossos facões, e a topógrafa preparou o rifle. Talvez as balas fossem capazes de deter um javali de mais de trezentos quilos; talvez não. Não nos sentimos confiantes o suficiente para desviar nossa atenção da fera e abrir os fechos triplos dos estojos com as armas de menor calibre presos às mochilas.

Não houve tempo para que a psicóloga pudesse preparar uma sugestão hipnótica que nos ajudasse a manter o foco e o controle; tudo que ela conseguiu nos dizer foi: “Não cheguem muito perto! Não deixem que ele encoste em vocês!”, enquanto o javali se aproximava com estardalhaço. A antropóloga dava risadinhas nervosas diante do absurdo de uma situação de emergência que demorava tanto a se concretizar. Somente a topógrafa assumiu uma atitude prática e ajoelhou-se com uma perna para disparar com mais firmeza — nossas ordens incluíam uma providencial instrução: “Matar apenas se estiverem ameaçadas de morte.”